



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB**

AUCICLEIDE DIAS DO NASCIMENTO

**A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA AS MULHERES NA
MÍDIA: O CASO DO ESTUPRO COLETIVO DO RIO DE JANEIRO NOS
PROGRAMAS DOMINGO ESPETACULAR E FANTÁSTICO**

**CAMPINA GRANDE
2016**

AUCICLEIDE DIAS DO NASCIMENTO

**A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA AS MULHERES NA
MÍDIA: O CASO DO ESTUPRO COLETIVO DO RIO DE JANEIRO NOS
PROGRAMAS DOMINGO ESPETACULAR E FANTÁSTICO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Prof^a. MA. Jonara Medeiros Siqueira.

Área de Concentração: Produção Jornalística

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244n Nascimento, Aucicleide Dias do
A naturalização da violência sexual contra as mulheres na mídia [manuscrito] : o caso do estupro coletivo do Rio de Janeiro pelos programas Domingo Espetacular e Fantástico / Aucicleide Dias do Nascimento. - 2016.
30 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Jonara Medeiros, Departamento de Comunicação Social".

1. Violência sexual. 2. Cultura do estupro. 3. Programa de televisão. 4. Mídia, 5. Jornalismo. I. Título.

21. ed. CDD 384.55

AUCICLEIDE DIAS DO NASCIMENTO

**A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA AS MULHERES NA
MÍDIA: O CASO DO ESTUPRO COLETIVO DO RIO DE JANEIRO NOS
PROGRAMAS DOMINGO ESPETACULAR E FANTÁSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de graduação.

Aprovada em: 20/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Jonara Medeiros Siqueira

Prof.^a. MA. Jonara Medeiros Siqueira (Orientadora) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Verônica Almeida de Oliveira Lima

Prof.Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima – Examinadora- Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Goretti M^e Sampaio de Freitas

Prof. Dr. Goretti Sampaio de Freitas- Examinadora - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**CAMPINA GRANDE
2016**



Dedico aos meus pais, por estarem sempre presentes.

AGRADECIMENTOS

Faltam-me as palavras para agradecer a cada pessoa que direta ou indiretamente contribuíram e contribui para o meu crescimento acadêmico e social, alguns em especial que foram minha força para chegar até aqui, minha mãe Lindozete Dias e meu pai Antônio Raimundo, vulgo "Tota", a paciência e a compreensão por cada coisa que passei, duas pessoas leigas no quesito acadêmico.

Pois não tem títulos algum, mas que souberam encaminhar e educar seus filhos, apesar das dificuldades nunca lhes faltaram a fé em Deus, fé esta que nos sustenta, meus pais me deram as coisas mais preciosas da vida: o caráter, a honestidade e o discernimento para entender que os dias difíceis seriam necessários para valorizarmos cada conquista na vida.

Agradecer também a minha família, pois não houve um só dia em que me faltaram apoio, muitas vezes em silêncio, me admiravam e me dava força para ir até o fim, pois a primeira estudante universitária de toda a família era eu, a cada dia em sala de aula era um orgulho meu, em alguns momentos custava acreditar que eu estava ali, mas sim eu estava e muito feliz por sinal.

"A palavra que expressa a admiração, respeito e carinho por meus professores é AGRADECIMENTO. Agradecer pela paciência, pela partilha de conhecimento, pelos ensinamentos para a vida, vocês foram além das matérias, o que seria de nós sem os professores que aliado aos pais nos formam personalidades do bem".

Momentos de agradecimento são sempre saudosos, a emoção já tem nos consumido, mas é importante agradecer e dizer a cada professor que sem eles o caminho seria impossível, primeiramente quero agradecer a professora Socorro Palitó, por ter me indicado minha orientadora Jonara Medeiros.

O suporte que a mesma tem me dado vai além das teorias, pois através de nossos encontros tenho desenvolvido um olhar crítico sobre a sociedade da qual faço parte e que minha função social enquanto comunicadora é, retratar os fatos com seriedade e retidão partindo de um campo social, onde cada narrativa seja desenvolvida com coerência e parcialidade, e a certeza de que o jornalismo humanístico aproxima o ser social de sua realidade.

A professora Ingrid Fachine, tem dado apoio enquanto pessoa, tem nos mostrado um caminho seguro e certo que, só através da educação poderemos alcançar, e sua fé inabalável, que em suas orações interceda por cada aluno do departamento. E aos colegas de classe, pela amizade e o apoio, e que saibam que serão eternos em minha vida.

"A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população".
(BOURDIEU, 1997, p. 23)

A Naturalização da Violência Sexual Contra as Mulheres na Mídia: O caso do Estupro Coletivo do Rio de Janeiro nos Programas Domingo Espetacular e Fantástico.

Aucicleide dias do Nascimento

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise descritiva dos programas Domingo Espetacular e Fantástico, com objetivo de ressaltar temas relevantes ao jornalismo televisivo que tratam do discurso naturalizado da violência sexual contra as mulheres. A cobertura feita pelas televisões abertas, Globo e Record, em seus programas dominicais, veiculadas nos dias 29 de maio e 05 de junho, repercutiu o caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. O estupro aconteceu no dia 21 de Maio de 2016, no qual uma adolescente de 16 anos de idade foi violentada por 30 homens em uma comunidade. Para analisar o tema, recorreremos às teorias de Saffioti (1994 e 2004), Bourdieu (1997 e 2010), Scott (1995), dentre outros estudos que serão mencionados no presente artigo. A metodologia empregada nas análises combinou uma revisão bibliográfica e análise de conteúdo, uma vez que a pesquisa se deu de forma exploratória e de cunho qualitativo. Este tipo de pesquisa costuma envolver levantamentos bibliográficos, citações e exemplos que facilitem o entendimento do assunto. Os programas jornalísticos naturalizam a violência sexual sofrida pela adolescente, através da espetacularização midiática, da qual a vítima é tida como culpada e induzida a detalhar cada cena da qual afetam sua honra, isso se afirma nos termos técnicos jornalísticos que foram utilizados nas Entrevistas, Off, Passagem, Cabeça e Sonora dos como “adolescente diz”, “segundo ela”, “e você tem absoluta certeza que houve um estupro coletivo contra você”?, “Você consegue traduzir fisicamente o que ficou dessa experiência”?, desta forma a televisão banaliza a violência sexual através de sua influência.

PALAVRAS-CHAVES: Violência sexual; Cultura do estupro; gênero; Mídia; Jornalismo.

ABSTRACT:

This apresenta artigo análise uma descritiva apart Sunday and Fantastic Espetacular programs, com ressaltar objective of relevant topics to or jornalismo television speech that treatm do naturalized gives sexual violence against ace mulheres. A feita televisões coverage pelas abertas, Globo and Record, em seus dominicais programs, you veiculadas us 29 days and 05 maio junho, impact or statutory rape case coletivo do not Rio de Janeiro ocorrido. Or aconteceu estupro no dia 21 de Maio 2016 qual teen uma not 16 years of idade foi raped by 30 homens em uma Comunidade. To analisar or theme, we go às theories Saffioti (1994 and 2004), Bourdieu (1997 and 2010), Scott (1995), dentre outros that Serao mentioned estudos not present artigo. A methodology empregada nas literature uma Análises combinou revisão and análise of conteúdo, uma vez that research is exploratory and deu form of qualitativo cunho. This type of research costuma wrap bibliographic levantamentos, citações and exemplos that facilitem or entendimento do assunto. Os programs jornalísticos naturalizam to sofrida sexual violence teen stripping, using da espetacularização midiática, da qual to Vítima é heading as Blamed and induzida to detalhar every dinner da qual afetam sua honor isso us technical termos jornalísticos that foram used nas Interviews, stated Off , Passagem, Sonora Cabeça and two as "teen diz", "second ela", "e você tem absolute certainty that houve um coletivo statutory rape against você" ?, "Você consegue traduzir physically or ficou dessa experiência" Desta form ?, televisão trivializes sexual violence using sua influence.

KEYWORD: sexual violence; Do statutory rape culture; gender; My day; Jornalismo.

1. INTRODUÇÃO

Para compreender a naturalização da violência sexual contra mulheres pela mídia, é importante buscar as origens da violência no Brasil. É preciso entender que a construção social histórico-cultural do país é carregada de costumes arcaicos, que pode ser definida pelo poder patriarcal. Um controle exercido pela classe dominante que deriva de um pacto entre homens envolvidos economicamente, que forja um sistema de poder que está relacionado exclusivamente a opressão e agressão contra mulheres. O patriarcalismo corresponde a um modelo familiar fortemente influenciado pelos portugueses no Brasil colônia, que tinham à frente a figura masculina (PAI) dominante em todas as relações sociais.

Esse modelo familiar atravessou décadas e, hoje, dá sinais de que encontra-se firme na sua existência, sendo notória sua influência nas relações sociais e na divisão de gêneros do séc. XXI, traços encontrados na organização política atual da qual pregam que lugar de mulher é em casa e não nas relações econômicas do estado. É exatamente tal reprodução que as coberturas jornalísticas trazem em seus noticiários que, naturalizam a violência e expõem a dominação masculina como algo banal.

O Brasil é um dos países com o maior índice de violência sexual praticada contra mulheres. Segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) foram notificados 50.617 casos de estupro no ano de 2012 no Brasil. Todavia, há um grande contingente de crimes que não são denunciados. Em pesquisa realizada pelo IPEA¹, em 2014, apenas 19,1% destes crimes chegaram ao conhecimento das autoridades judiciárias.

O IPEA aponta que boa parte dos casos em que a vítima sofre agressão, seja física, moral, psicológica e sexual, ocorrem no seio familiar. O país, apesar de viver grandes avanços tecnológicos e sociais nos seus últimos anos, ainda reproduz comportamentos que remetem a desigualdade de gênero. Segundo a ONU em seu relatório realizado em julho de 2014, revela que o Brasil ocupa a posição 85°

¹IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, realizou um seminário em Brasília para apresentação de estudos que tratam da violência contra o sexo feminino. Acessado em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21849, em 29/09, às 00:10 horas.

(octogésimo quinto) no ranking de desigualdade de gênero mundial, dentre 149 países.

Diante de tal quadro, percebemos que a violência sexual sofrida por mulheres tem raízes no modelo familiar patriarcal. Para Heleieth Saffioti,

As pessoas são socializadas para manter o pensamento andrógino, classistas e sexista estabelecido pelo patriarcado como poder político organizado e legitimado pelo aparato estatal por meio da naturalização das diferenças sexuais. (SAFFIOTI, 2004, p.74)

Dessa forma, torna-se comum a propagação de programas jornalísticos que abordam casos de violência contra a mulher de acordo com sua ótica machista aceitável socialmente, uma vez que tem sido “normal e natural que os homens maltratam suas mulheres, assim como que pais e mães maltratam seus filhos, ratificando, desse modo, a pedagogia da violência”. (SAFFIOTI, 2004, p.74).

Portanto, o conteúdo deste artigo realiza uma análise de duas reportagens, veiculadas em 29 de Maio de 2016, de dois programas jornalísticos com grande repercussão nacional: o Fantástico e Domingo Espetacular, que trazem edições especiais sobre o caso do Estupro Coletivo do Rio de Janeiro, ocorrido entre os dias 21 e 22 de Maio de 2016.

As reportagens, colocam em evidência o cotidiano das pessoas envolvidas neste caso, apelando a valores e emoções que trazem em suas falas, imagens, gestos e entonações que são fundamentais para a formação da opinião do público, sem pensar nos seus efeitos. Ao fazer o sensacionalismo, a espetacularização da notícia, revelam mínima importância ao problema social que acomete o país. É perceptível a busca pelo "furo de reportagem", sem levar em conta que todos são assegurados o direito à informação, mas não a informações e posicionamentos pessoais das televisões, e sim suas finalidades culturais, educativas, artísticas e informativas.

Desta forma, afastam-se as informações pertinentes, das quais seriam inerentes ao desenvolvimento crítico e intelectual dos telespectadores. Partindo dessas informações o público terá condições de desenvolver um pensamento crítico e coerente, fundamentados na democratização da informação. Sem deixar em segundo plano os princípios fundamentais da sociedade que, estão descritos na

Constituição Federal de 1988, assegurando os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de televisão que não respeitem os valores éticos e sociais do cidadão.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

As reportagens apresentam a situação vivida por uma jovem de 16 anos, que foi estuprada por 33 homens após sair de uma festa acompanhada de amigos e do ex-namorado, suspeitos de participarem do crime. A jovem é apresentada, pelas duas redes de televisão, como “uma menor de 16 anos, mãe solteira de uma comunidade que foi estuprada após sair de um baile funk”. As narrativas são utilizadas para justificar a violência em si, com juízo de valor e evidenciado a influência do patriarcalismo nas relações sociais atuais.

Diversos autores discutem sobre a questão proposta e, para enfatizar a pesquisa realizada, é imprescindível que se tenha um embasamento teórico que fundamente e enfatiza a o estudo que trate da naturalização da violência sexual vitimando as mulheres que são expostas pela mídia. Nesse sentido, a busca teórica teve, como referência, obras como Gênero, Patriarcado, Violência, SAFFIOTI (2004); Violência de Gênero no Brasil atual, SAFFIOTI (1994); O que é gênero? SCOTT (1995). Nos estudos acerca da influência midiática nas relações humanas, o presente estudo toma como referência as obras de BOURDIEU, O Poder Simbólico sobre a televisão (1997) e A Dominação Masculina (2010).

Para compreender os mecanismos criados para defender e amparar as mulheres, vítimas da violência sexual e da exposição social dos crimes, o texto busca referência na Lei Maria da Penha (2006) e na Convenção do Belém do Pará (1994), de modo a compreender como o fenômeno da violência exposto na mídia fragiliza a dignidade da mulher, e não colabora com sua proteção integral, nem divulga as políticas públicas voltadas para prevenir, punir e erradicar a violência.

A pesquisa em destaque busca mostrar quão forte é a influência da dominação masculina sobre as mulheres, as raízes presentes desde a organização

estatal e a violência de gênero apontadas nas narrativas jornalísticas com função de espetacularizar a notícia.

Tem-se a impressão de que a pressão dos jornalistas, exprimem eles suas visões ou seus valores próprios, ou pretendam, com toda a boa-fé, fazer-se as portas vozes da "emoção popular" ou da "opinião pública", orienta por vezes muito fortemente o trabalho do juízes. (BOURDIEU, 1997, p. 82).

Enquanto objeto de estudo, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, pois analisou-se mecanismos utilizados pela mídia ao tratar de temas de violência sexual contra mulheres. Este tipo de pesquisa trata-se de análise de conteúdo, apontando levantamentos bibliográficos, citações e exemplos que facilitem o entendimento do assunto.

Desta forma o presente artigo buscou durante quatro meses reportagens referentes a casos de estupros coletivos no Brasil e de que forma os meios de comunicação aborda esta questão. Para enfim, chegar ao caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em maio de 2016, onde foi analisado, off, cabeça, passagem, entrevistas e sonora dos programas dominicais Domingo Espetacular e Fantástico, e como resultados pertinentes a pesquisa, pode ser comprovado que os meios de comunicação do Brasil não estão preparados para pautar temas como este, por sua complexidade, e ainda influenciados pelo um sistema machista que não os deixam ir mais além na questão da violência sexual.

Porém, naturalizam e espetacularizam casos de violência sexual como algo banal e sem relevância, apesar de estudos comprovarem que a cada 11 minutos uma mulher sofre abusos no país e que esse número vem crescendo aceleradamente, por tanto é importante que a mídia contribua com a diminuição destes dados, tratando as vítimas com respeito e dignidade.

2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

2.1 O QUE É GÊNERO?

Diversas pesquisas sobre gênero vêm sendo realizadas, por ser, alvo de grandes discussões acerca das relações sociais que envolvem o Estado e a

sociedade, onde cada ente tem sua definição sobre o tema. A princípio vamos descrever gênero tradicionalmente como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao masculino e o feminino que decorrem dos comportamentos socialmente vivenciados.

No entanto, o olhar científico que vai das ciências sociais à psicologia afirma que gênero é uma categoria que dimensiona socialmente as pessoas, devendo-se levar em consideração as influências histórico-culturais sobre os sexos feminino e masculino.

No campo da sociologia temos uma definição pertinente do que é gênero, definido por Joan Scott. Segundo ela, gênero é duas partes inter-relacionadas que devem ser analiticamente diferenciadas, enfatizando que: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significados às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86)

Quando estas relações de poder são reproduzidas no campo social, dão origem a diversos problemas e um, em especial, merece atenção: a violência contra mulheres. Nesse sentido a distinção de homem- forte e mulher- frágil tem sido apontada como uma das raízes do problema. Todavia, cria-se a cultura da dominação masculina onde o poder simbólico exercido sobre as mulheres concretiza-se com a aceitação, mesmo que não racionalizada, de quem é subjugado (as mulheres).

Embora pareça apoiar-se na força física, a dominação é imposta de forma romantizada, atribuindo às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão. Dessa maneira, muitas vezes, os próprios meios de comunicação, quando expõe as vítimas de tal violência, publicamente, colaboram para que elas sintam vergonha, humilhação, timidez e culpa: de sentimentos que contribuem para a violência, como forças simbólicas que o dominante exerce sobre o dominado isentando-se da culpa e concretizando a violência de fato.

Força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (Bourdieu, 1998, p.50)

No entanto, a violência sexual contra as mulheres na atualidade sofre influência ainda do poder patriarcal geralmente, uma cultura de poder que

estabelece retaliações sobre a figura feminina, que tem seus corpos sexualmente e midiaticamente superexpostos. As mulheres quase sempre ocupam no mercado de trabalho, por exemplo, cargos com remuneração inferior às dos homens. Pesam, sobre elas, o estigma do “sexo frágil”, que coloca os gêneros em posição de desigualdade na esfera econômica e social contribuindo, assim, para a cultura da desvalorização da mulher e o incremento da violência.

2.3 CULTURA DO ESTUPRO

No Brasil, o termo cultura do estupro, tem sido usado desde os anos 1970, a cultura consiste no comportamento naturalizado dos humanos, mas não tão naturais, pois comportamentos que são reproduzidos ao longo do tempo, influenciados pelos costumes em sociedade e pelo patriarcalismo ainda vigente no meio social. “(...) A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura” (CUCHE, 1999, p.10).

A cultura do estupro é reproduzida desde os assédios na rua até a violência sexual física. A posição da vítima é relativizada, e dessa forma, justifica a ação do estuprador, pois o lugar que ela estava, a roupa, e se estava alcoolizada ou drogada são meios de justificar o crime. É fundamental desnaturalizar papéis para desconstruir essa cultura. O silêncio sobre o assunto também configura a cultura, uma vez que muitas vítimas não denunciam o caso por temor ao julgamento social e por falta de aparato estatal que garantam a elas segurança e atendimentos voltados a saúde públicas, que é como deveria ser visto a violência sexual. Porém, cada vez mais a mulher é tem atribuída a si a culpa, uma vez que a cultura do estupro, reforça que os homens que praticam este crime de caráter hediondo também sofreram a violência e só reproduzem as consequências vividas.

No entanto, este termo ganhou força no ano de 2016, precisamente em Maio, quando um caso de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, praticado contra uma adolescente de 16 anos. A repercussão nacional sobre o crime se deu, também, pela veiculação do caso no Fantástico (Globo) e Domingo Espetacular

(Record), programas renomados com poderes de persuasão capazes de formular ideias e sentimentos de relativização e objetificação da mulher.

Tais programas podem provocar, na sociedade, uma normalização da violência sexual contra mulheres, através de suas abordagens que traz a informação de fato, mas a distorce segundo sua linha editorial e seus interesses econômicos. Há o emprego do duplo sentido nas entrevistas, quando buscou-se saber onde estava a vítima antes da prática do estupro, se tinha usado drogas naquele dia, se era de costume ela frequentar aquele lugar; enfatizando a questão da adolescente ser mãe solteira, frequenta baile funk, e se ela tinha a absoluta certeza que houve o estupro. Quando são utilizadas essas narrativas o efeito é instantâneo, surgem críticas e comportamentos violentos que confirmam que o país de fato vive a cultura do estupro.

A naturalização da violência vem ganhando proporções em todas as esferas da sociedade. Está nos lares, nas ruas, nas revistas, na TV, nos filmes, na linguagem, na publicidade, nas leis e nas escolas. Comportamentos sexistas e misóginos² que estimulam agressões sexuais e outras formas de agressão. Segundo Saffioti (2014):

Efetivamente a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade dócil e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer. O consentimento social para que os homens convertam sua agressividade em agressão não prejudica, por conseguinte, apenas as mulheres, mas também a eles próprios (SAFFIOTI, 2004, p. 75).

O país possui leis, tratados e convenções que buscam coibir a prática da violência sexual contra meninas, adolescentes e mulheres, como a Convenção do Belém do Pará³, ECA⁴ e Lei Maria da Penha⁵. Além disso, serviços como as

²Misoginia; a classificação dos indivíduos é construída em nossa sociedade entre masculino e feminino., neste sentido, misoginia é um processo social; que tenta 'defender' a sexualidade tradicional e o patriarcado de mudanças e questionamentos, sendo uma prática sexistas. Acesso em: <http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rtts/article/viewFile/99/78>. 07/10/2016 às 16:45.

³A Convenção de Belém do Pará é o primeiro tratado internacional de proteção aos direitos humanos das mulheres a reconhecer expressamente a violência contra a mulher como um problema generalizado na sociedade. Acesso em http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7874 09/10/2016 às 22:50. A Convenção de Belém do Pará, foi adotada pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos em 1994, e ratificada pelo Brasil em 1995. É o mais

Delegacias especializadas e os centros de defesa, dentre outros, também podem ser acionados. Mas, nem sempre foi assim. Antes da criação destes mecanismos, a violência contra as mulheres não era reconhecido como um problema genérico e desta forma dificultava a punição dos agressores, pois culturalmente e juridicamente era do homem o pátrio poder⁶ que baseava-se na autoridade paterna que se estendia às esposas e companheiras, influenciados pelo patriarcalismo que via as mulheres indivíduos submissos e inferiores que tinham a obrigação de servir a seus senhores.

Como já mencionada, a cultura do estupro tem raízes profundas nos séculos passados, a mulher desde sempre carregava a responsabilidade de servir aos seu cônjuge sexualmente, sendo, portanto de difícil desconstrução. Por esta razão nos anos 80 começaram a surgir, no Brasil, os movimentos de denúncia a violência contra as mulheres. Eles buscaram apoio ao Estado.

A desconstrução das ideias que tecem sobre a violência contra as mulheres levará muitos anos para sua efetivação. A conscientização histórica da desigualdade de gênero precisa ser trabalhada, já que somada à ordem patriarcal pesa na construção da violência. Além disso, o sentimento de culpa involuntária e a dominação simbólica masculina levam muitas jovens a agir e pensar que seus corpos devem ser hipersexualizados.

importante acordo internacional sobre a violência contra a mulher. Acesso em http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Legislacao/4_ConvencaodeBelemdoPara1994.pdf 09/10/2016 às 23:20.

⁴ O Estatuto da Criança e do Adolescente(ECA) é a lei que cria condições de exigibilidade para os direitos da criança e do adolescente, que estão definidos no artigo 227 da Constituição Federal. <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2013/marco/o-que-e-o-eca>, acessado em 29/09/2016, às 18:50.

⁵ A Lei n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006. (LEI MARIA DA PENHA) Art. 1^a Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm, 09/10/2016 às 23:40.

⁶ Pátrio-poder se baseava no princípio da autoridade, sendo bastante observado na Grécia e em Roma, onde o pai detinha o poder absoluto sobre o filho, devendo este durar para sempre, apenas se extinguindo com a morte do pater. acessado em <http://alestaciariini.jusbrasil.com.br/artigos/190133523/poder-familiar-evolucao-historica-e-legislativa>, 29/09/2016, às 19:10.

Segundo Bourdieu (2010) “Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e a contenção que convém às mulheres, continuam a lhes ser impostas, como que a sua revelia, mesmo quando deixarem de lhes ser impostas pela roupa (como andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos)”. (BOURDIEU, 2012. P.40)

3 MULHER, MÍDIA E VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO

3.1 A Mulher e a mídia

A relação entre mulher e mídia tem vários caminhos a serem pesquisados, pois vastos são os campos, podendo ser encontrados na publicidade, na política, na economia, nas relações sociais, nas novelas e outros. Sobretudo nos telejornais, a mulher é vista como um ser que atrai audiência. Além disso, estereótipos são criados e reproduzidos principalmente para o gênero feminino. E, ao analisarmos, as imagens, expressões e linguagem utilizadas nas matérias relativas ao caso estudado, do estupro coletivo do Rio em maio deste ano, podemos notar quão forte ainda impera o sistema patriarcal.

A Espetacularização e o sensacionalismo da televisão sobre os casos de estupro no país é dada pela falta de preparo das emissoras para abordar os temas e também pela tentativa de atrair audiência e lucro com o sensacionalismo. E o esquecimento é o caminho, pois os espaços para discutir a violência sexual com seriedade são mínimos, muitas vezes inexistentes. A naturalização desse espetáculo prejudica ainda mais as vítimas, pois concepções moralistas vão sempre buscar uma forma de relativizar a agressão e responsabilizar as mulheres pelo fato. Essa opressão não parte apenas do telespectador, mas principalmente dos meios de comunicação que é quem detém o poder de persuadir e formar opiniões.

Bourdieu (1997) afirma que os jornalistas exprimem suas visões ou seus valores próprios, ou pretendem, com toda boa-fé, representar os porta vozes da "emoção popular" ou da "opinião pública". Capazes de criar opiniões apenas por emoções, das quais os telespectadores reproduzem e dão seu veredito final, com conotações diversas da original e sem o direito de resposta, pois, já houve o julgamento dos inocentes.

Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo, sobre hábitos de consumo de mídia da população brasileira, em 2013, revelou um dado que dialoga com o que estamos buscando investigar quanto fazemos tais questionamentos: Em relação aos preconceitos, há uma percepção de que as mulheres são quase sempre (19%) ou às vezes (47%) tratadas com desrespeito pelos meios de comunicação brasileiros. (ABRAMO, 2013)

Na segunda metade do séc. XX, a mídia reproduzia as mulheres por meio de valores patriarcais, onde eram notórias as desigualdade de gêneros, raça, orientação sexual e corpos femininos hipersexualizado, e atualmente as coisas pioraram, o sexismo ganhou proporções maiores, principalmente nos meios de comunicação de massa que ao tratar de temas que envolvem a violência sexual além de naturalizar os seus discursos jornalísticos buscam também relativizar, ao perguntar às vítimas, onde você estava?; bebeu?;. Uma justificativa para a violência, onde os acusados são postos como vítima pela mídia.

3.2 A Violência na televisão

A televisão está presente no contexto histórico do Brasil desde os anos 1950, e inúmeras mudanças aconteceram, a TV se modernizou, passando pela década de 90 até os dias de hoje. Tornando-se um instrumento poderoso, sedutor que, exerce uma função educativa informal, que se ajusta a percepção dos seus telespectadores e proferem um conformismo moral. Ao se revoltar com o pouco espaço dado pela mídia ao pensamento crítico, Bourdieu, luta para que este instrumento democrático não se converta em meio de opressão simbólica.

A televisão desponta como o meio de comunicação mais utilizado pela população brasileira, acessível e barata, que permite ao mesmo tempo assisti-la e desenvolver outras atividades. E de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) junto ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 73% dos brasileiros possuem o hábito de assistir TV diariamente. Com uma média por pessoa de 4h31m, de segunda a sexta, e 4h14m, nos fins de semana.

A televisão, é um veículo massivo, uma janela para o mundo e os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade, pois usam de critérios de noticiabilidade, dos quais os interessam e dão o

valor notícia ao fato, a seleção das informações é minuciosa. A notícia televisiva se constrói através deste “valor notícia”, sendo pautados no ineditismo, apelo, oportunidade, empatia entre outros. Alfredo Vizeu, reforça este conceito ao dizer que a noticiabilidade constitui-se um elemento de distorção involuntária da cobertura informativa dos mass media, estando diretamente relacionada com os processos de rotinização e estandardização das práticas produtivas.

À medida que entendemos noticiabilidade como sendo o conjunto de elementos pelos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos, entre os quais vai selecionar as notícias, podemos creditar os valores/notícia como um componente da noticiabilidade. (VIZEU,2005, P. 82)

Diversos aspectos de violência aos corpos e integridade feminina são produzidos na televisão, se fazendo presente principalmente na publicidades e nos telejornais, sendo um produto muito oferecido e muito culpabilizado, e com grande sucesso alcançou-se, os anúncios publicitários e as reportagens contribuem beneficemente para o empoderamento feminino, o caso é a falta de limite na divulgação da informação, pois utilizam-se de termos apelativos e ocultam o que seria primordial divulgar.

Opressão simbólica é o mesmo que violência simbólica, exercida com a cumplicidade tácita dos que sofrem e dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-las. Ressaltando-se que a mídia o faz conscientemente. “A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”. (BOURDIEU,1997, p.23)

Os meios de comunicação são monopolizados e concentrados em uma pequena parcela de grupos empresariais da sociedade. Porém, seus valores, crenças, costumes e interesses são predominantes na outra parcela, posta como necessárias para a dinâmica da vida em conjunto. Assim, tem um grande poder na disseminação de conteúdo, tornando-se um mecanismo fácil de manipulação, por ser tão precisa nas relações sociais, gera uma espécie de dominação culturalmente imposta interferindo nas relações sociais de homens e mulheres, pois o consumo massivo sem o senso crítico cria estereótipos que se materializam na relação de

poder entre mídia e telespectador, muitos são os contextos em que a mulher é posta como símbolo sexual e como objeto de dominação, enraizados na cultura machista exercida sobre elas. “Hoje a televisão levou ao extremo, ao seu limite, uma contradição que obseda todos os universos da produção cultural” (BOURDIEU, 1997, p.51).

Afastam-se as informações pertinentes que levam o telespectador a exercer seu pensamento crítico na sociedade e valer-se de seus direitos democráticos a informação, um instrumento poderoso que utilizado de forma benéfica contribui para diminuir os índices de violência sexual, ao invés de reproduzir a romantização do estupro em novelas, minisséries, programas humorísticos e telejornais, por motivos meramente econômicos poderia contribuir para uma revolução simbólica. “Se um instrumento tão poderoso quanto a televisão se orientasse um pouquinho que fosse para uma revolução simbólica desse tipo, eu lhe asseguro que se apressariam em detê-las” (Bourdieu, 1997, p.64)

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

O presente estudo analisa a cobertura sobre o caso de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em 22 Maio de 2016, quando 33 homens violentaram uma adolescente de 16 anos após um baile funk acompanhada de amigos e do ex-namorado. Em seguida, tais agressores divulgaram vídeos e imagens em perfis de redes sociais. A análise foi iniciada com base em duas reportagens que repercutiram em rede nacional, feita pelo Fantástico (Globo) em 29 de Maio e Domingo Espetacular (Record) no domingo 29.

Inicialmente analisaremos as reportagens, buscando mostrar a naturalização da violência sexual contra mulheres pela mídia, em seus discursos utilizados nas entrevistas a vítima. Na elaboração desta análise foi utilizado como base, artigos científicos e livros de autores renomados que tratam sobre o poder de dominação exercida pela televisão na formação de opiniões e no senso crítico sobre diversos temas abordados em sociedade, do qual a mulher é a personagem principal.

Para entendermos o que é uma análise de conteúdo e quais técnicas utilizaremos, recorreremos a produção de Bardin.

“À análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 31)

A linguagem televisiva, precisamente a jornalística tem especificações que devem ir de encontro aos fatos noticiados, sua narrativa, objetividade, imparcialidade e referencial serão analisadas para identificar os mecanismo utilizados na construção dessas notícias.



Figura 1: entrevista ao Fantástico



Figura 2: entrevista ao Domingo Espetacular

Para compreendermos a relevância de analisar as matérias dos programas Fantástico e Domingo Espetacular é necessário entender as particularidades do jornalismo feito para televisão. “No plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todo mundo” (Bourdieu, 1997, p.20).

Desta forma será utilizado o método de análise por categorias que segundo Bardin (1977, p. 102) consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico, iniciando com (a) pré-análise, na qual se escolhe os documentos, se formula hipóteses e objetivos para a pesquisa, (b) na exploração do material, na qual se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos e (c) no tratamento dos resultados e interpretações. Cada parte deste roteiro segue regras bastante específicas, podendo ser utilizado tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas.

Nesta pesquisa de cunho qualitativa, iremos abordar aspectos usados nas seguintes categorias Off⁷, Passagem⁸, Cabeça⁹, Sonora¹⁰ e também a Entrevista exclusiva¹¹ das reportagens referentes ao dia 29 de Maio de 2016, que tratam de termos, palavras, imagens, dados estatísticos de violência anual e os enunciados das respectivas matérias.

Análise de Conteúdo das reportagens: Estupro Coletivo Rio de Janeiro

Categorias	Domingo Espetacular (Record) dia 29/05	Fantástico (Globo) dia 29/05
OFF	Estupro coletivo uma expressão capaz de provocar protestos nas ruas e nas redes sociais. Segundo a adolescente não lembra o que aconteceu e afirma ainda que estava em um quarto nua e dopada, o estupro coletivo foi gravado pelos acusados, etc.: Em outro momento dados de outros crimes de estupro coletivo ocorrido no Brasil e afirma que de fato vivemos uma cultura do estupro.	A repórter diz encontramos a menor ainda bastante assustada com o que aconteceu e com a repercussão que gerou.
PASSAGEM M	Repórter Aline Pacheco diz: a adolescente mora no condomínio de classe média com os pais e o filho de três anos, estava matriculada, mas não ia escola há tempo, a jovem não trabalhava.	Não houve passagem, com duração de reportagem aproximadamente de sete minutos.

⁷ Off: narração gravada da reportagem. Usada para cobrir as imagens. O off é a informação que a sonora não deu, o complemento para que todas as informações sejam passadas. Acessado em 03/10/2016 às 14:26. <http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>

⁸ Passagem: É o momento que o repórter aparece na matéria. É ela que dá credibilidade ao que está sendo veiculado. A passagem pode ser usada para descrever algo que não temos imagem, destacar uma informação dentre outras, unir duas situações, destacar um entrevistado ou criar uma passagem participativa. Acessada em 03/10/2016 às 14:30. <http://jornal.metodista.br/tele/manual/reportagem.htm>,

⁹ Cabeça da matéria ou cabeça do vt: É o lide da matéria. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter. Acessada em 03/10/2016 às 14: 40. <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>,

¹⁰ Sonora: É a fala do entrevistado na matéria. Acessado em 03/10/2016 às 14:51, <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>

¹¹ A entrevista exclusiva é melhor opção quando o porta-voz tem uma informação relevante e exclusiva. Acessada em 03/10/2016 <http://www.racecomunicacao.com.br/blog/o-que-e-uma-entrevista-exclusiva/>

CABEÇA	1° entrevista a uma emissora de Tv da,jovem vítima do estupro coletivo, logo depois de dar o terceiro depoimento à polícia.	E no fim da semana passada uma adolescente de 16 anos sofreu um estupro coletivo em uma favela da zona oeste do Rio.
SONORA	A avó passa mal ao ver a gravação, mãe e avó inicialmente pensam que a jovem está morta, logo depois o Advogado de um dos acusados diz que não houve estupro, houve um sexo consentido, em entrevista aos delegados inicialmente não caracteriza o crime como estupro.	Em conversa com o chefe de polícia Fernando Veloso sobre as acusações da menor, ele disse isso será apurado e se realmente o delegado teve uma conduta inadequada ele será punido por isso, mas no momento o importante é saber sobre as circunstâncias do crime.
ENTREVISTAS EXCLUSIVAS DA ADOLESCENTE	<p>1- Você pode descrever que dor é essa?</p> <p>2- Você sentiu algo parecido como culpa?</p> <p>3- E, culpa de quê e porquê?</p> <p>4- Você consegue traduzir fisicamente o que ficou dessa experiência?</p> <p>5- Quantas pessoas foram? mas como você conseguiu contar?</p> <p>6- Você conhecia algum desses homens? nenhum um?</p>	<p>1- Você frequentava sempre este Moro?</p> <p>2- Já tinha acontecido outras vezes, de você ser violentada?</p> <p>3- O que você fez?</p> <p>4- O que eles falavam?</p> <p>5- Você usou droga naquela noite?</p> <p>6- Você não ia nem denunciar? Por que?</p> <p>7- Como você vê as mulheres em sua defesa?</p> <p>8- As fotos não são suas?</p> <p>9- Em que situação?</p> <p>10- E você tem absoluta certeza que houve um estupro coletivo contra você?</p>

Nas entrevistas dos programas mencionados, a jovem é levada a admitir culpa pelo ocorrido, sendo que não se justifica a violência de forma alguma, mesmo que ela tivesse usado drogas, de roupa curta, sozinha a noite, isso não deve ser critério jornalístico e muito menos utilizado para atribuir culpa a vítima, não é papel da imprensa exercer a função judicial. É preciso pensar no tipo de informação que está sendo produzida pelos meios de comunicação, pois é implícito que por um lado eles naturalizam a desigualdade entre homens e mulheres e por outro torna as mulheres objetos, não que os tenham criado a cultura do estupro, mas a alimenta,

ao invés de mostrar que não é certo a prática do estupro, tentar impor na sociedade que as mulheres devem se comportar para não serem violentadas.

No entanto, compararmos as duas reportagens veiculadas no mesmo dia, mas com abordagens distintas, ficando notório a naturalização da violência, pois ao analisarmos os elementos categóricos como o off, a passagem, a abertura e a sonora foi identificado em seus conteúdos o apelo, a oportunidade e o conflito que fazem parte dos critérios de noticiabilidade que são inerentes à linguagem televisiva.

Os critérios citados foram utilizados de forma a culpar a vítima e relativizar a conduta dos criminosos, em se tratando do off do Domingo Espetacular podemos notar que a cultura do estupro foi citada e afirmando que o país cultua esta prática, e o próprio jornal enfatiza isso quando diz “Segundo a adolescente não lembra o que aconteceu e afirma ainda que estava em um quarto nua e dopada”, as palavras “segundo e afirma” dão um sentido de inverdade na fala da adolescente. Já o Off do Fantástico usa o termo “menor” de forma discriminatório e coloca o estupro em segundo plano, pois diz que “Encontramos a menor ainda bastante assustada com o que aconteceu e com a repercussão que gerou”. (OFF/Fantástico). A mídia é responsável pela transmissão de conteúdos corretos, devendo utilizar-se de palavras como adolescente, menina, garota, jovem ao invés de menor.

No entanto, as passagens, dos programas televisivos buscam justificar a violência, ao relatar o comportamento da vítima antes do fato, do qual as únicas informações pertinentes seriam sobre os acusados. Pois a sociedade da qual vivemos busca maneiras de inocentar os agressores e culpar as vítimas, e ao distorcer essas informações, mostra-se que ainda as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, a mídia e à sociedade.

Nas cabeças, o Domingo Espetacular enfatiza que em primeira mão a jovem concedeu a “1º entrevista a uma emissora de TV da jovem vítima do estupro coletivo, logo depois de dar o terceiro depoimento à polícia”. O caráter econômico como único fator em se noticiar este caso. No lead trazido pelo Fantástico, o mesmo associa o estupro a favela, “E no fim da semana passada uma adolescente de 16 anos sofreu um estupro coletivo em uma favela da zona oeste do Rio”. Onde estudos comprovam que a violência sexual é democrático, que acontece principalmente no seio familiar e social entre pessoas do convívio habitual, e que vários casos de estupro ocorrem tanto em favelas como em bairros nobres.

Ao analisar o conteúdo e seus significados sobre as reportagens, podemos perceber as características de influências sociais quando o assunto é violência sexual ou cultura do estupro. Percebe-se o contexto utilizado para entrevistar a adolescente é carregado de estereótipos e naturalização. Segundo Bourdieu (1997, p.25) “O princípio de seleção é a busca do sensacionalismo, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido ...”. Ao observarmos as entrevistas, que perguntas são feitas indiscretamente, fazendo a vítima sofrer outra vez o estupro, perguntas do tipo: Você sentiu algo parecido como culpa? E, culpa de quê e porquê? Você consegue traduzir fisicamente o que ficou dessa experiência? Outras como “E você tem absoluta certeza que houve um estupro coletivo contra você?”. Sendo notório o induzimento que este meio de comunicação faz.

A televisão como canalizador de ideias e concepções, quando utiliza-se de mecanismo que ajudem a coibir a violência sexual contra as mulheres de forma a fazer politicamente como um problema de segurança pública, contribuíram para que esta prática seja extinta da sociedade, que ao invés de culpar as vítimas usem de suas influências para que sua narrativa televisiva seja entendida como uma arma a mais das vítimas do estupro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Televisão exerce um monopólio desde os fatos que serão noticiados aos que serão impostos aos telespectadores, disfarçados de violência simbólica, ela é um instrumento de comunicação acessível e de baixo custo, se estruturando na ideias do público. Desde 1950, ela vem se destacando no Brasil, um grande avanço industrial, que hoje se transformou no objeto de manipulação social.

Por sua grande influência, podemos ver que a televisão brasileira é objeto de monopólio e oligopólio, situação vedada pela Constituição Federal, pois em seu texto diz que de forma direta ou indireta os meios de comunicação não devem ser objeto de monopólio e oligopólio. Diferente da realidade que vivemos, onde a TV é concentrada nas mãos de famílias tradicionais a exemplo da Record e da Globo que são objetos deste estudo. As televisões devem observar que o serviço público

conferidos a elas, tem por finalidade respeitar os princípios fundamentais artísticos, culturais e educativos. É preciso que a sociedade disponha de meios que possibilitem a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes. Necessário, portanto, que a própria sociedade, de forma organizada, delimite e fiscalize os concessionários de serviços televisivos no sentido de coibir a exibição de programas em que espetacularizam e denigrem a imagem de mulheres.

Desta forma, é importante analisar os principais meios para fiscalização, controle e defesa da programação televisiva disponíveis no ordenamento jurídico brasileiro no que diz com as crianças e adolescentes, uma vez que a TV possui importante função social, sobretudo quando vem descrito na Constituição Federal e no ECA.

Por fim, o presente trabalho buscou mostrar que a naturalização da violência sexual contra as mulheres pela mídia tem base no patriarcalismo e nas relações de dominação masculina. E são encontradas na publicidade, nos telejornais, novelas, comédia dentre outros. Pois a televisão brasileira não cumpre sua função social imposta por lei, indo contra os princípios, buscando apenas interesses econômicos. Bourdieu (1997. p.29) afirma que caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão.

São instituídos os meios de controle social, judicial e institucional das programações da TV,s abertas brasileira. Mas, apesar desta imposição estatal, as empresas de comunicação violam essas regras e dificultam o controle da imagem da mulher na mídia. O caso do Estupro coletivo do Rio de Janeiro, que ganhou destaque nas principais redes de televisão do país, é um exemplo de que a mídia brasileira criam suas próprias leis, diversos casos além deste, sofrem uma conotação espetacularizada e distorcida.

Em decorrência de tudo que foi analisado neste trabalho, fica clara a necessidade de se controlar e fiscalizar as programações televisivas, a regulamentação não impede a liberdade de expressão, apenas evita os abusos cometidos no exercício desse direito, o que, no Brasil, pode ser feito tanto pelas emissoras e principalmente pelo Governo, sociedade, Ministério Público e Juizados da Infância e da Juventude. É importante que leve em consideração os resquícios históricos que pesam na sociedade, mas que também se compreenda que a sociedade avançou e que se deve adequar a história ao tempo.

REFERÊNCIAS:

ABRAMO, Perseu. **Pesquisa sobre Democratização da Mídia**. Disponível em: http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/fpa_pesquisa_democratizacao_da_midi_a_0.pdf. Acesso em 22/01/2016, às 16h.

Agência Patrícia Galvão. Dossiê Violência Contra as Mulheres, Violência Sexual, 2013. Disponível em http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violenciassexual/#violencias_exualnobra.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kunher. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Ed.9°, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1997.

Constituição Federal de 1988

Convenção Belém do Pará, 1994

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: 2015.

<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/atualidades-vestibular/o-que-e-cultura-do-estupro/>

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnica_diest11.pdf

<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 10/10/2016 às 16h20

<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm>

<https://nacoesunidas.org/por-que-falamos-de-cultura-do-estupro/>

https://pt.scribd.com/doc/312688339/Untitled?secret_password=vENAhgeNYzJXh5Np9wQv#download&from_embed acessada em 02/03/2016 às 18:20.

<https://www.youtube.com/watch?v=2XAzoK5MxdM> acessado: 12/09/2016 às 23h

<https://www.youtube.com/watch?v=QIHBlqwz0Nc> Acessado em 03/10/2016 às 15:28.

<https://www.youtube.com/watch?v=zxjgF6352Fw>. Acessado em 03/10/2016 às 16:00.

Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS): Tolerância social à violência contra as mulheres. Brasília: 4 de abril de 2014 “Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres”, Instituto Patrícia Galvão, 2013 Data Popular, Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf.

Lei Maria da Penha, 2016

Pasinato, Wânia. “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. Caderno Pagu (37), Julho-Dezembro de 2011: 219-146.

Rossi, M. O que já se sabe sobre o estupro coletivo no Rio de Janeiro. El País, 7, Junho, 2016. Disponível em:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html. Acesso 16, agosto, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.**1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004,151p.

SCOTT, Joan. **O que é Gênero?.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Ed.91,1995.

PEREIRA Junior, **Alfredo Eurico Vizeu.** O lado oculto do telejornalismo. Florianópolis: Calandra, **2005.** 200p.

ANEXOS

FONTE: Domingo Espetacular

The screenshot displays the website for 'DOMINGO ESPETACULAR'. The main headline is 'ESTUPRO COLETIVO NO RJ' (Collective Rape in RJ). Below the headline, the text reads: 'Vitima de estupro coletivo reclama da investigação da Polícia: "Queriam me botar de culpada"' (Victim of collective rape complains about the investigation by the Police: "They wanted to put me in the driver's seat"). The article is dated '16/08/2016' and is categorized under 'COBERTURA COMPLETA' (Complete Coverage). The page includes social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Página Inicial. A video player is visible on the right side of the page, showing a scene from the program. The website's navigation menu at the top includes 'O PROGRAMA', 'MATERIAS', 'INTERATIVIDADE', 'VIDEOS', 'MANDE SUA SUGESTÃO', 'CELULAR', and 'LOJA'.

MENÚ | G+ FANTÁSTICO | BUSCAR

Edição do dia 29/02/2016
29/02/2016 02h35 - Atualizado em 29/02/2016 02h35

'Até o próprio delegado me culpou', diz jovem vítima de estupro coletivo

Adolescente de 16 anos sofreu estupro coletivo numa favela do Rio. Menina conta que recebe ameaças e se sentiu desrespeitada na delegacia.

FACEBOOK | TWITTER | G+ | PINTEREST



No fim de semana passado, uma adolescente de 16 anos sofreu um estupro coletivo em uma favela da Zona Oeste do Rio. Na tarde deste domingo (28), ela conversou com a repórter Renata Cerbelli. A menina contou que está recebendo ameaças, que se sentiu desrespeitada na delegacia, durante o depoimento, e que só quer deixar a casa histórica para trás.

Fantástico
veja tudo sobre >

Segredos de Justiça: Glória Pires vive júria em São...
08/10/2016

Fantástico - 02/10/2016
02/10/2016

Casal que viveu história do livro 'A Culpa é das Estrelas' morre nos EUA
02/10/2016

Branca de Neve, Zé do Bode, João do Biscolito, veja candidatos bizarros
02/10/2016

Rede 2
Acesso à Internet

guardando comentarios.globo.com...

FONTE: Fantástico